

# A VOGAL MÉDIA TÔNICA /o/ ~ [u] NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PA

## THE TONIC MIDDLE VOWEL /O/ ~ [U] IN PORTUGUESE SPOKEN IN CAMETÁ-PA

Raquel Maria da Silva Costa Furtado<sup>1</sup>  
Maria Sebastiana da Silva Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar o alteamento de /o/ tônico falado em Cametá-PA, sob o viés da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). O material linguístico analisado veio de narrativas de experiências pessoais de 18 participantes, todos cametaenses, pertencentes à área rural de Cametá, estratificados em: sexo, faixa etária e escolaridade. Desse *corpus* obteve-se 1032 dados, que, submetidos a uma análise estatística (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), apontaram a baixa probabilidade de ocorrência de /o/ ~ [u], com peso relativo de 0.072. Os condicionadores sociais desse processo fonológico foram a pouca escolaridade e a terceira faixa etária, peso relativo de 0.863 e 0.757, respectivamente.

**Palavras-chave:** Vogal média posterior fechada, Posição tônica, Alteamento vocálico, Variação sociolinguística.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the raising of /o/ tonic spoken in Cametá-PA, under the bias of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008). The linguistic material analyzed came from narratives of personal experiences of 18 participants, all from Cametá, belonging to the rural area of Cametá, stratified into: gender, age group and education. From this corpus, 1032 data were

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística (UFC) em ‘Descrição e Análise Linguística’. Mestra em Linguística, em Análise, Descrição e Documentação do Português regional da Amazônia UFPA. Especialista em Estudos Culturais da Amazônia - UFPA (2006). Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará - Faculdade de Linguagem. Docente permanente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA/CUNTINS). E-mail: raqmaria@ufpa.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6351-6192>.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Letras/Linguística pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Linguagem e Educação: uma abordagem textual, discursiva e variacionista, pela UFPA (2009). Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: sebast\_costa@hotmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7918-1972>.

obtained, which, after being submitted to a statistical analysis (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), indicated the low probability of occurrence of /o/ ~ [u], with a relative weight of 0.072. The social conditioners of this phonological process were little schooling and the third age group, relative weight of 0.863 and 0.757, respectively.

**Keywords:** Closed posterior middle vowel, Tonic position, Vowel elevation, Sociolinguistic variation.

### Considerações iniciais

A língua por ser viva e dinâmica apresenta um quadro de dinamicidade bastante significativo, de diferentes naturezas: fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, discursivas e pragmáticas, as quais não dependem somente de critérios linguísticos para ocorrerem, mas também de implicações externas à estrutura da língua, como os aspectos culturais e sociais dos falantes (sexo, faixa etária, escolaridade, procedência, classe social).

Em vista disso, observa-se, em algumas regiões do Brasil, variância no quadro das vogais do Português Brasileiro (CÂMARA JR., 1970), a depender da posição que elas ocupam na sílaba, seja na pretônica, tônica ou postônica. As vogais médias, por exemplo, podem sofrer realizações fonético-fonológicas diversas na língua, dentre as quais citamos o alteamento em posição tônica, objeto de estudo neste trabalho. Esse processo fonológico caracteriza-se pela elevação do traço de altura da vogal média posterior [- alto] para [+ alto], /o/ ~ [u], observado em pronúncias como f[**u**]lha (folha), av[**u**] (avô), [v**u**] (vou), realizadas em Cametá, região interiorana do estado do Pará.

Diante disso, este estudo apresenta como proposta central registrar e analisar o alteamento vocálico da média posterior fechada /o/ ~ [u] em posição tônica na variedade falada da área rural do município de Cametá-PA, considerando a atuação de fatores extralinguísticos como escolaridade, faixa etária e sexo do falante nesse processo. A investigação objetiva ainda comparar os resultados encontrados nesta pesquisa aos resultados de Assunção e Costa (2003) e Rodrigues (2005), que são estudos sobre o alteamento de /o/ tônico falado em Cametá. A partir disso, inferir se a variação se encontra em um nível de estabilidade ou como mudança em progresso.

Para o alcance dos objetivos exibidos, expõe-se, a princípio, um breve resumo sobre as vogais médias tônicas do português brasileiro e uma síntese de pesquisas sobre

o alteamento vocálico /o/ ~ [u] em posição tônica na região da Amazônia Tocantina. Aborda-se, na sequência, os aspectos teórico-metodológicos adotados na pesquisa, as hipóteses e os fatores de análise. Por fim, apresenta-se a análise e discussão dos resultados obtidos sobre o fenômeno de alteamento no português falado na área rural de Cametá.

### **As vogais médias tônicas do Português Brasileiro**

Câmara Jr. (2015) propôs uma descrição do sistema vocálico do português brasileiro, tomando por base o dialeto culto falado no Rio de Janeiro. Para o autor, citando Trubetzkoy (1929), as vogais do português formam um sistema triangular (CÂMARA JR., 2015, p. 41), constituído por sete fonemas vocálicos orais em posição tônica, dispostos da seguinte forma: vogal baixa /a/, médias-baixas /ɛ/ e /ɔ/, médias-altas /e/ e /o/ e altas /i/ e /u/. Tal posição acentual, expressada pela maior força expiratória, constitui a melhor posição para se caracterizar os traços distintivos vocálicos do português brasileiro.

Para Câmara Jr. (2015), a alteração desse sistema vocálico pode ocorrer devido a manifestação do fenômeno de neutralização<sup>3</sup>, isto é, a perda de um traço distintivo, que reduz dois fonemas a uma só unidade fonológica. Apesar do autor não considerar relação entre língua e sociedade, suas descrições têm subsidiado muitas pesquisas científicas, as de cunho fonético-fonológicas principalmente, tendo em vista que notava variações presentes e recorrentes em diferentes falares nas regiões do Brasil.

Complementar a essa proposição, Cassique (2003, p. 14), ao estudar o linguajar de Breves, explica que “o alteamento da vogal média posterior fechada implica nos termos da fonologia estrutural, uma neutralização do contraste entre os dois fonemas envolvidos em sílaba tônica [...]”. Rodrigues (2005, p. 166), ao analisar o alteamento /o/ ~ [u] no português falado no município de Cametá/PA, observou a presença de quadro variável em posição tônica, decorrente de neutralização, havendo [buka] ao lado de [boka], [fiku] ao lado de [fikou], por exemplo. Deste modo, fica claro uma possível ocorrência de neutralização entre a vogal média fechada posterior e a alta posterior, havendo prejuízo daquela em detrimento desta.

Desta maneira, existe a possibilidade, na fala, de um determinado falante realizar o fonema /o/ alteado para [u], pronunciando vocábulos como [avu] para ‘avô’, [fiku] para

---

<sup>3</sup>O conceito da neutralização é oriundo da fonologia de Praga (BATTISTI e VIEIRA, 2001). A neutralização é um processo natural que incidem constantemente sobre o sistema vocálico do português brasileiro.

‘ficou’. Pode vir a acontecer ainda que um outro falante realize esse mesmo fonema, mas preservando seus traços fonológicos subjacentes /o/ como [porto], [novo], [sojno].

### **O fenômeno linguístico de alteamento vocálico /o/ ~ [u] em posição na região da Amazônia Tocantina**

Para Silva Neto (1977), o fenômeno de alteamento /o/ ~ [u], em posição tônica, constitui-se um dos traços fonéticos da região do extremo norte do país, por isso a denomina de *canua cheia de cucos de pupa a prúa* (canoa cheia de cocos de popa a proa), e propõe uma divisão dialetal para a fala dos paraenses em três regiões distintas:

a primeira é a região chamada de "estrada de ferro" e compreende a faixa situada entre Belém e Bragança, onde uma densa camada de imigração nordestina suplantou as primitivas características dialetais, pondo na boca dos falantes um nítido falar do Nordeste. A segunda é a região "do Salgado" que atinge o pequeno litoral marítimo do Pará. A terceira é a região "dos rios": essa é a área onde se troca o tônico por u (por exemplo, no Tocantins). A base humana consta de brancos e mestiços: precisa ser estudada. (SILVA NETO, 1977, p. 168).

Segundo o autor, é exatamente na região *dos rios* que se observa com maior destaque a presença da elevação da vogal /o/ para [u] em posição tônica, como por exemplo, a região do rio Tocantins, em especial o município de Cametá-PA. Por isso, em relação ao português falado nessa região do estado do Pará, são fecundos estudos de cunho fonético-fonológico sobre a variação de /o/ ~ [u] em posição tônica. Um dos pioneiros é o de Assunção e Costa (2003), na região do Baixo Tocantins, que investigou, a partir de um total de 126 dados, o alteamento da vogal média /o/ ~ [u] em posição tônica no falar de analfabetos das ilhas, zona rural do município de Cametá, seguindo os moldes laboviano de análise. Estatisticamente, o estudo constatou que falantes analfabetos utilizam com maior frequência o alteamento da tônica, com percentual expressivo de 93%.

Assunção e Costa (2003) concluíram que o alteamento de /o/ ~ [u] na tônica resulta do processo de monotongação; com mais frequência em verbos; e em estruturas silábicas constituídas por *onsets* constrictivos, laterais, vibrantes, vazios e ramificados. As autoras observaram ainda que a frequência de alteamento da média posterior alta se ascendia à medida em que a idade do falante aumentava, pois a faixa etária de 46 anos em diante apresentou percentual elevadíssimo da presença dessa variante, 94%. Além

disso, o estudo atestou o alteamento de /o/ ~ [u] como uma marca de identidade linguística da comunidade de fala cametaense.

Rodrigues (2005) analisou o alteamento /o/~ [u] em posição pretônica e tônica (maior ênfase nessa última) na variedade de Cametá, a partir de 4.328 dados de fala, oriundos de uma amostra de 72 sujeitos participantes, estratificados socialmente. Como resultado, obteve um percentual de 70% para presença de alteamento na posição pretônica e de 35% para a posição tônica, sendo o referido fenômeno mais estigmatizado nessa posição do que naquela.

Como resultado da influência dos fatores linguísticos e sociais sobre o alteamento /o/ ~ [u] na tônica, o autor verificou que: a) o alteamento não resulta de monotongação, mas de vogal unitária simples, como ['buka] para [boka], isto é, fenômeno típico de sílabas leves; b) é favorecido pelos contextos formados por consoantes laterais, pela classe gramatical dos Nomes, palavras de três sílabas e de acento recaindo na última sílaba (oxítone); c) tem mais incidência na fala dos analfabetos, diminuindo à medida que se avança nos níveis de escolarização; d) o alteamento é mais favorecido por falantes de 46 anos em diante, diminuindo significativamente o seu índice no sentido das gerações mais novas; e) assim como Assunção e Costa (2003), identificou o alteamento como marca linguística identitária dos falantes da zona rural de Cametá. Para o autor, esse resultado configura-se num possível caso de mudança em tempo aparente, haja vista um maior índice de ocorrência na terceira faixa etária.

Pontes (2020) também investigou, com base na sociolinguística variacionista, o alteamento da vogal média /o/ ~ [u] em posição tônica e pretônica no falar dos baionenses, estado do Pará, da zona urbana, a partir de uma amostra de 48 sujeitos participantes, estratificada em sexo, escolaridade e faixa etária. Como resultado, a pesquisa obteve 1.895 dados, desdobrados num percentual de 48% para presença de alteamento e de 52% para ausência.

Em relação as variáveis linguísticas, Pontes (2020) constatou que o alteamento é condicionado pelos contextos silábicos formados por vogal unitária monotongada como em [poko] ~ [puku]; consoante do *onset*, de natureza lateral; coda constituída por semivogal como em co[i]sa; posição do vocábulo alvo no final no grupo de força. Quanto às variáveis sociais, a análise quantitativa apontou que homens alteiam mais do que

mulheres; e os falantes não escolarizados da terceira faixa etária (faixa etária igual ou acima de 46 anos) realizam com maior frequência o alteamento.

Além disso, a autora observou que há maior indício de uma manifestação de estigma e preconceito linguístico pelo uso do alteamento em posição tônica como b[u]ca ~ b[o]ca, n[u]iti ~ n[o]ite, do que com vocábulos b[u]lacha para b[o]lacha, m[u]leque para m[o]leque em posição pretônica.

Dado o exposto, as observações, realizadas sobre os estudos que abordam o comportamento variável da vogal média posterior /o/ ~ [u] em posição tônica, comprovam a presença desta variedade e de sua oscilação que, atualmente, ainda se verifica na fala dos cametaenses. Tais estudos evidenciam o favorecimento de condicionantes linguísticos e não linguísticos envolvidos nessa variação dialetal.

### **Metodologia da pesquisa**

Esta pesquisa foi embasada pelos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LAVOV, 2008 [1972]), que define a língua como um organismo vivo e heterogêneo cuja variação intrínseca ao seu sistema não ocorre aleatoriamente, mas é influenciada por fatores de ordem linguística e social. A adoção desse viés de análise alinha-se os ideários de Labov para quem o processo de uma variação e/ou mudança linguística só pode ser compreendido se considerarmos na análise a vida social da comunidade em que ele ocorre, visto que nenhuma variação linguística acontece num vácuo social, mas incide num tempo e em lugares específicos, o que exige uma explicação (LABOV, 2008).

Mediante a isso, a descrição da variação de /o/ tônico parte da observação da língua em uso, no seio da comunidade de fala, onde, para Labov a variação e mudança linguística tomam lugar; os falantes desempenham papéis sociais diferentes e definem sua identidade, conforme o sexo/gênero, idade, escolaridade, procedência, profissão, classe social etc. Então para a dimensão da variação linguística, a “estratificação social e suas consequências são um tipo de processo social que se reflete nas estruturas linguísticas” (LABOV, 2008, p. 147). Por isso variação não parte de um processo aleatório, mas relacionada por regras variáveis, pois,

o favorecimento de uma variante decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não linguísticas

(condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social etc.). Trata-se, portanto de um sistema linguístico de probabilidades (TARALLO, 1986, p. 10).

Dessa maneira, fatores internos ou externos à língua são parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, haja vista que exercem pressão sobre os usos linguísticos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. Assim, as variantes ao longo do tempo podem ou permanecer estáveis no sistema, ou sofrer mudanças (substituição de uma forma por outra), configurando nesse sentido um fenômeno de mudança em progresso.

Com base nos princípios teóricos da Sociolinguística, a análise da variação de /o/ ~ [u] na tônica foi realizada de uma amostra de 18 sujeitos participantes<sup>4</sup>, todos cametaenses, crescidos e residentes na zona rural do município de Cametá. Os eventos de fala, objeto de análise, foram obtidos pela técnica de entrevistas livres, envolvendo narrativas de experiências pessoais. Além da procedência, três variáveis sociais foram controladas neste estudo: a) *faixa etária*: 06 sujeitos participantes entre 18 e 29 anos; 06 entre 30 e 45 anos; e 06 com a idade igual ou acima de 46 anos; b) *nível de escolaridade*: 06 com pouca escolaridade, 06 com ensino médio e 06 com ensino superior; e c) *sexo*: 09 sujeitos participantes do sexo feminino e 09 do sexo masculino.

As entrevistas ocorreram predominantemente na residência do sujeito-participante, pois um ambiente de interação espontânea, de pouco policiamento da fala e de maior conforto diante da presença do gravador torna-se importante para o estudo da fala. Segundo Labov (2008), no contexto natural de comunicação (interagindo com a família ou com seus pares), o falante tende a empregar um estilo menos monitorado possível.

Os dados de fala em análise foram submetidos ao programa computacional estatístico *Goldvarb-X<sup>5</sup>* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que ofereceu, por meio de um modelo matemático de análise da regra variável, a quantificação e o nível de significância dos efeitos produzidos pelos fatores sociais no comportamento variável do alteamento /o/ ~ [u] em posição tônica. Dessa forma, 1032 ocorrências da variável

---

<sup>4</sup> Caso de não terem nascidos na região, mas que tenham chegado à localidade até os sete anos de idade. Não terem se deslocado da região onde moram por mais de dois anos consecutivos e possuam a maior parte da dentição para que as articulações dos fonemas fossem o mais natural.

<sup>5</sup> O objetivo deste programa nesta pesquisa foi explicar a variável dependente estudada, correlacionada com um conjunto de circunstâncias sociais favorecedoras e não favorecedoras na escolha de uma variante em detrimento de outra, através das frequências (percentuais) e pesos relativos gerados.

dependente (presença e ausência de alteamento) foram extraídas dos dados. A seguir, exemplos de dados conforme fragmentos da transcrição dos grupos de força, onde variável dependente em estudo se manifestou:

1. aí ela **\*fal[u]** eli vai tá suspensu por um dias ...
2. igual u **prufess[o]r** lá...
3. a genti **pass[u]\*** por cima delis...
4. aí mi **but[o]**<sup>6</sup> expusso de lá.<sup>7</sup>..

Para avaliarmos a influência dos fatores extralinguísticos na aplicação da regra variável em estudo, definiu-se para cada um dos grupos de fatores sociais (sexo, escolaridade e faixa etária dos falantes) uma hipótese, a fim de nortear, por meio da análise estatística, a investigação proposta.

De posse dos resultados e com base no modelo laboviano da Sociolinguística Quantitativa, segue-se para análise quanti-qualitativa dos dados estatísticos, apresentada na terceira seção.

### Estudo do alteamento vocálico de /o/ tônico falado em Cameté-PA

A variável dependente analisada neste estudo é o alteamento /o/ ~ [u] em posição tônica, constituída de duas variantes: *presença de alteamento* (elevação do traço de altura da vogal média posterior /o/ > /u/); e *ausência de alteamento* (manutenção da vogal média tônica posterior), conforme ilustrado na figura 1.

Figura 1 - Variável dependente e suas variantes.

	Presença de alteamento [u] av[u]; t[u]du; fal[u]
/o/	
	Ausência de alteamento [o] av[o]; t[o]do; fal[o]u

Fonte: Elaboração própria

<sup>6</sup>Na transcrição grafemática dos grupos de força, temos: em negrito o vocábulo-alvo; os colchetes identificam as vogais posteriores em posição tônica em estudo; e o símbolo do asterisco (\*) marca a presença de alteamento e a ausência do símbolo denota a sua ausência.

<sup>7</sup> Sujeito participante Cameté, do sexo masculino, de pouca escolaridade e da primeira faixa etária.



De um *corpus* constituído por 1032 dados linguísticos oriundos dos 18 sujeitos-participantes da pesquisa, 74 ocorrências foram de presença de alteamento e 958 foram de ausência do fenômeno de alteamento na tônica /o/, o que corresponde a um percentual de 7% e 93% respectivamente, como observado na tabela 1.

Tabela 1 – Significância da variação da vogal média posterior alta /o/ no falar da zona rural de Cametá-PA.

<b>Variantes da variável dependente</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Aplicação/total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso relativo</b>
Ausência de alteamento	p[o]rto	958/1032	93%	<b>0.928</b>
Presença de alteamento	av[u]	74/1032	7%	0.072

Fonte: Elaboração própria

Diante do exposto na tabela 1, o alteamento /o/ ~ [u] na variedade falada na zona rural de Cametá, com frequência de 7% e peso relativo, 0.072, apresenta inexpressividade nos dados. Ao contrário do processo de manutenção de /o/, que obteve relevante significância manifestada pelo peso relativo de 0.928, e frequência de 93%.

Os resultados encontrados neste estudo divergem dos resultados encontrados por Costa e Assunção (2003) que acusou peso relativo bastante significativo, 0.93, para a variável presença de alteamento; enquanto, em Rodrigues (2005) e Francês Júnior (2021), observamos uma correlação, haja vista os autores também constataram a baixa ocorrência do alteamento /o/ ~ [u] no português falado na região da Amazônia paraense. Em Rodrigues (2005), por exemplo, a presença de alteamento no município de Cametá foi de 35% em contexto tônico, já na região do Marajó, Francês Júnior (2021) constatou 1,5% para a elevação de /o/ para [u] e 98,5% para a manutenção.

Na tabela 2, há olhar panorâmico dos resultados obtidos nesta pesquisa e em Rodrigues (2005) e Francês Júnior (2021) no que diz respeito variante presença de alteamento.

Tabela 02 – Frequência de uso do fenômeno de alteamento vocálico /o/ ~ [u] no Pará.

<b>Presença de alteamento</b>	<b>Aplicação/total de dados</b>	<b>Percentual</b>
-------------------------------	---------------------------------	-------------------

Cametá <sup>8</sup> /o/ ~ [u]	1218/3447	35%
Marajó <sup>9</sup> /o/ ~ [u]	22/1505	15%
Cametá <sup>10</sup> /o/ ~ [u]	74/1032	7%

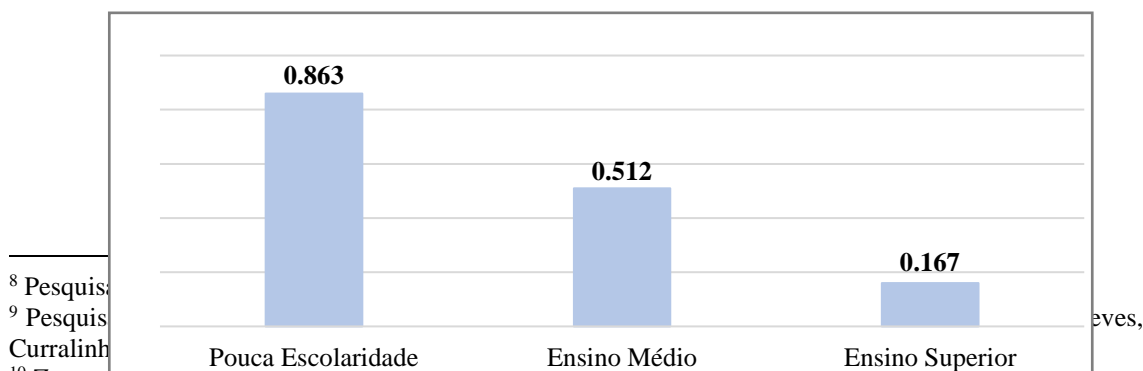
Fonte: Elaboração própria

A partir dos dados da tabela 02, fica constatado que o alteamento /o/ ~ [u] não se manifesta como variante de maior incidência em nenhum dos estudos realizados nessas cidades. Isso pode decorrer do fato do fenômeno em foco se caracterizar como *estereótipo*, nos moldes de Labov (2008), e ser marcado por reações linguísticas estigmatizantes. Em Gaia, Gomes e Furtado (2021), o alteamento /o/ ~ [u] em posição tônica foi observado por meio das crenças e atitudes dos falantes. As autoras atestaram a presença de atitudes linguísticas negativas de falantes cametaenses, com percentual de 61%, sobre pronúncias como av[u] (avô) e fal[u] (falou)<sup>11</sup>.

Gaia, Gomes e Furtado (2021) concluíram que a não identidade, e pouco afetividade dos próprios falantes cametaenses com a sua variedade de fala, pode constituir um fator de enfraquecimento do alteamento /o/ ~ [u] na linguagem cametaense, freando dessa forma o uso da vogal média posterior de forma alteada na posição tônica.

Dos fatores sociais (sexo, escolaridade e faixa etária) elencados nesta pesquisa para explicar o alteamento da vogal posterior /o/ na tônica em Cametá, a análise quantitativa acusou dois como os mais significativos: *escolaridade e faixa etária* do falante. Em relação à escolaridade, atestou-se que quanto menor for o nível de escolaridade do falante maior incidência do alteamento de /o/ para /u/, como o observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Grau de significância da variável *escolaridade* para a realização do fenômeno de alteamento de /o/ ~ [u] em posição tônica.



<sup>8</sup> Pesquisas

<sup>9</sup> Pesquisas

Curralinh

<sup>10</sup> Zona rural de Cametá.

<sup>11</sup> Componente afetivo das atitudes, analisado pelos traços constituintes: feio, sem melodia e desagradável.

Fonte: Elaboração própria

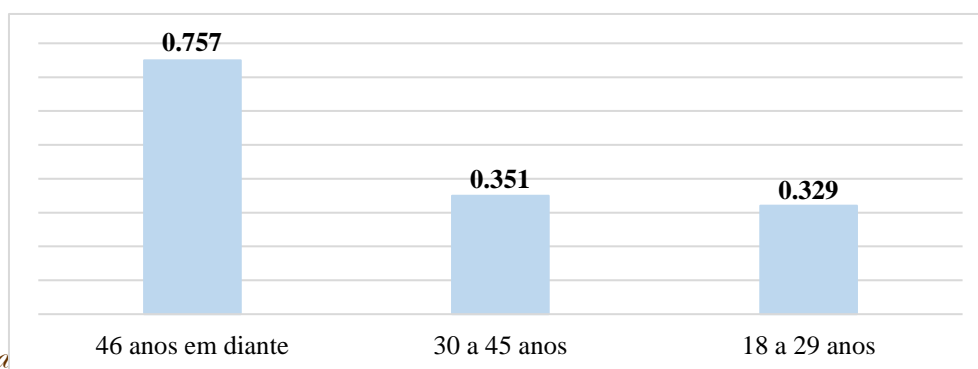
O gráfico 01 revela a elevação da média posterior /o/ mais presente na fala dos que possuem pouca escolaridade, peso relativo de 0.863. Por outro lado, analisando os níveis de escolaridade de ensino médio e ensino superior, com peso relativo de 0.512 e 0.167, respectivamente, observa-se que o alteamento /o/ ~ [u] tõi decai à medida em que a escolaridade se eleva, reforçando a forte atuação das instituições escolares de ensino no que concerne a manutenção das formas linguísticas de prestígio (VOTRE, 2003).

Resultado bastante interessante, pois fica nítido o papel da escola na mitigação de traços linguísticos vernaculares, pela imposição de uma única norma, no geral subjetiva, a “padrão” em oposição e velamento ao uso linguístico.

Diante do exposto, compreende-se que falantes com escolarização elevada, por manter contato direto com a oralidade e escrita do universo escolar, passam a utilizar mais as formas linguísticas ditas padrão. Essa tendência vem sendo tradicionalmente comprovada em estudos sociolinguísticos, o próprio Labov (2008), ao estudar o inglês de Nova Iorque, observou que os falantes menos escolarizados usavam com maior frequência as formas não-padrão, já os falantes com nível de escolaridade mais elevado utilizavam mais as formas padrão.

Quanto à faixa etária, os dados indiciam a incidência do não alteamento principalmente na fala das gerações mais novas, pois diminui o uso por formas linguísticas alteadas para [u] à proporção que a idade também diminui.

Gráfico 2 – Probabilidade de uso do alteamento /o/ ~ [u] em função da variável faixa etária.



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados expostos no gráfico 02 assinalam as pessoas com idade igual ou superior a 46 anos em diante com maior aceitabilidade de uso de /o/ tônica alteado, expresso pelo nível de significância do peso relativo de 0.757. Em nível decrescente, as faixas etárias de 30 a 45 anos e 18 a 29 anos, peso relativo, 0.351 e 0.329, respectivamente, rejeitam o uso de elevação do traço de altura da vogal média posterior tônica.

Dado o exposto pelo gráfico 2, tem-se a ratificação da hipótese para esse fator social de que o comportamento variável de /o/ na tônica é favorecido por falantes acima de 46 anos. Trata-se de um grupo etário, dado a região da pesquisa, zona rural, mais arraigado às tradições culturais interioranas, menos participante do mundo do trabalho formal, sobretudo mais distante das novas tecnologias de informação e comunicação em massa, e por isso, identifica-se com maior rigor aos traços linguísticos próximos ao vernáculo do que as gerações mais jovens com mais oportunidade de acesso ao processo de escolarização.

A partir dos dados verificados para a faixa etária de falantes jovens (18 a 29 anos) com menor regularidade e significância de /o/ alteado para [u], tem-se um retrato de baixa variabilidade no sistema linguístico pelo raro uso de [u] na variedade do português em investigação. Embora haja um quadro de co-variação sistemática (LABOV, 2008), observa-se que, ao longo dos anos em Cametá, a variante [u], que Assunção e Costa (2003) outrora demonstraram de prolífico uso, vem perdendo espaço para /o/.

Estamos, portanto, diante de uma variação linguística estável (LABOV, 2008), já que a geração jovem não está introduzindo a forma vernacular /o/ ~[u] (atir[**u**]<sup>12</sup> / atirou; [direcin[**u**] / direcionou), na comunidade estudada. Para Rodrigues (2005, p. 167), o alteamento do /o/ ~ [u] em posição tônica é “um fenômeno em mudança, no sentido de seu apagamento, haja vista que as gerações mais novas [...] inibem sua realização, sendo mais favorecido por falantes da terceira faixa etária”. Tal qual apresentado neste estudo.

---

<sup>12</sup> Falante do sexo feminino, de pouca escolaridade e da terceira faixa etária.

## Considerações finais

Este estudo realizou uma análise do alteamento da vogal média posterior fechada tônica /o/ ~ [u] na realidade linguística da zona rural de Cametá-PA, a partir dos fatores sociais: escolaridade e faixa etária. Os resultados demonstraram o alteamento na tônica em vias de apagamento da comunidade cametaense, cuja incidência de uso é insignificante com peso relativo 0.072, bem menor do que a ausência, peso relativo 0.928.

A análise quantitativa revelou os fatores extralinguísticos/sociais, escolaridade e faixa etária, como relevantes para explicar a elevação da média tônica /o/. Os dados da escolaridade vêm (re)afirmar que a escola continua atuando como preservadora das manifestações linguísticas de maior prestígio social. Desta maneira, os falantes de pouca escolaridade são os que mais elevam /o ~ [u] tônico.

Em relação à faixa etária, analisada em *tempo aparente*, o índice de ocorrência da presença de alteamento diminui consideravelmente à medida em que a idade do falante diminui. Portanto, falantes da terceira faixa etária elevam com maior frequência o traço de altura da vogal média posterior, diferentemente do que ocorre com a primeira e segunda faixa etária.

Diante do exposto até aqui sobre a baixa elevação da vogal média posterior /o/, acredita-se que a constante mobilidade de áreas rurais à vida urbana, decorrente principalmente da escassez de serviços básicos nas comunidades rurais, e a busca incessante pela oportunidade de trabalho e formação profissional influenciam naturalmente na redução do uso das variantes mais identitárias localmente, pois, conforme Labov (2008), a mudança de traços linguísticos vernaculares se dão à medida que os falantes se incorporam à vida urbana.

Diante disso, à guisa da conclusão, os resultados aqui expostos não devem ser esgotados, pois há muito de ser pesquisado e observado sobre o comportamento da vogal média posterior tônica /o/. Em função da restrição do lócus desta pesquisa, sendo apenas desenvolvida na zona rural do município de Cametá, fazem-se necessário mais estudos, por exemplo, por um viés comparativo quem sabe, a fim de verificar a incidência atualmente deste fenômeno na zona urbana do município de Cametá, e trazer outros resultados e reflexões sobre a elevação da média posterior tônica /o/. Tais estudos poderão confirmar ou discordar dos resultados já existentes.

## Referências

- ASSUNÇÃO, Martha; COSTA, Raquel. *O alteamento /o/ ~ /u/ no falar do analfabeto das ilhas de Cameté: um exercício de análise variacionista*. Cameté-PA, 2003. TCC. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Língua Portuguesa) – Faculdade de Linguagem – UFPA.
- BATTISTI, E., VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do Português. In: BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 20 ed. Petrópolis: Vozes, [1970]1991.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 47 ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2015.
- CASSIQUE, Orlando. *Canua cheia de cucus: relatório do projeto de pesquisa Traços fonéticos do dialeto interiorano da Amazônia Paraense no português falado na Cidade de Breves-PA: uma perspectiva variacionista*. Belém-PA, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, UFPA.
- COSTA, Raquel Maria da Silva. *Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cameté-PA*. Belém-PA, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, UFPA.
- FRANCÊS JÚNIOR, Celso. *Atitude e estigma: investigações sobre o status do alteamento da vogal média posterior tônica na variedade marajoara*. 2021. f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, UFPA.
- GAIA, Andreza Prazeres, GOMES, Mariane Daysa de Castro; FURTADO Raquel Maria da Silva Costa. Crenças e atitudes linguísticas na variação da vogal média posterior /o/ > [u] em posição tônica no português falado em Cameté-PA. *Letras Escreve*: Macapá, v. 10, n. 1, 1o sem., 2021.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PONTES, Mendes Rodrigues. *O alteamento da vogal média /o/ > /u/ em posição tônica e pretônica nos falares dos Baionenses da Zona Urbana*. Cameté/PA, 2020. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Linguagem – UFPA.
- RODRIGUES, Doriedson S. *Da zona urbana a rural/entre a tônica e a pretônica: alteamento /o/ ~ [u] no português falado no município de Cameté/Ne paraense: uma abordagem variacionista*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, UFPA.

SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Eric. 2005. *Goldvarb X – A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

Recebido em 19/02/2023

Aprovado em 17/05/2023